O grito de alerta das árvores do Cerrado

» IAGO MAC CORD

Conhecido como o "berço das águas" do Brasil por abrigar as nascentes das principais bacias hidrográficas, o Cerrado enfrenta uma urgente crise socioambiental decorrente do desmatamento e das mudanças climáticas. Dados oficiais do governo federal e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) indicaram um marco positivo: a taxa anual de desmatamento no bioma caiu 23,8% entre agosto de 2025 e julho de 2026, somando 5.516,69 km² suprimidos — a menor marca da série histórica do Prodes Cerrado, iniciada em 2001.

A despeito da intensificação da fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a destruição permaneceu concentrada na região do Matopiba (Tocantins e partes de Maranhão, Piauí e Bahia), responsável por 74,3% de toda a vegetação convertida.

Apesar do recuo recente, o panorama histórico é crítico. O Cerrado se consolidou como o bioma mais desmatado do país, preservando menos da metade de sua cobertura original. Mapeamentos do MapBiomas apontaram a perda de 51,7 milhões de hectares de vegetação nativa entre 1985 e 2025, com a agropecuária ocupando 48,9% do território.

Destaca-se a perda de 13,9 milhões de hectares de vegetação em faixas de até 500 metros das margens de rios (26,9% do total), com impacto severo nas bacias do Alto Tocantins e do Araguaia. Além disso, pesquisas do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) revelaram que 73% da vegetação secundária em regeneração foi destruída antes de completar 10 anos, fragilizando a proteção natural contra eventos extremos.

Biodiversidade e ameaças no DF

A bióloga e professora da Universidade de Brasília (UnB) Mercedes Bustamante observa que o Distrito Federal abriga cerca de 25% da flora lenhosa do bioma, mas perdeu a maior parte de sua cobertura original, com cerca de 30% das espécies vegetais locais extintas no território. Atualmente, registram-se 21 espécies raras sob risco e sete oficialmente ameaçadas de extinção. "A fragmentação dos hábitats isola as populações vegetais, gerando endogamia, perda de variabilidade genética e degradação por efeito de borda, o que compromete severamente a capacidade de adaptação dessas espécies frente aos extremos climáticos", afirma.

Frutíferas nativas como o pequi, o baru e o araticum — esta com baixa taxa de sobrevivência no transplante — e o buriti, símbolo das veredas da capital federal, sofreram forte pressão da expansão urbana e agrícola. Diante das projeções de um clima mais quente e seco, a especialista enfatizou a necessidade de monitoramento contínuo e corredores ecológicos.

"As projeções científicas convergem para um ambiente futuro mais quente e seco, o que deverá reconfigurar profundamente a vegetação da região e exigir ações urgentes de conservação in situ e ex situ (estratégias aplicadas principalmente na conservação da biodiversidade e na remediação de áreas contaminadas)", completa a professora.

Desafios para a recomposição ambiental

Engenheiro florestal, conselheiro do Conama e coordenador de projetos da Funatura, César Victor alerta que o aquecimento global desestrutura as interações ecológicas, afetando insetos e animais fundamentais para a polinização e a dispersão de sementes. "Com as mudanças climáticas e a distribuição irregular de chuvas, espécies que não se adaptam rapidamente sofrem diminuições drásticas, gerando um efeito em cadeia que prejudica severamente a fauna polinizadora e a dispersão natural de sementes no bioma", destaca.

Nos projetos de recomposição, o especialista aponta que o plantio convencional é limitado por utilizar apenas de 50 a 100 espécies, amostragem insuficiente ante as mais de 12 mil variedades do bioma. Para recuperar a diversidade genética, ele defende metodologias combinadas.

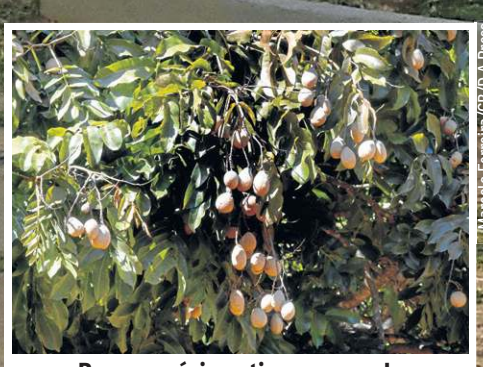
"O plantio tradicional com poucas dezenas de espécies não consegue recuperar a complexidade genética do bioma. Por isso, precisamos trabalhar com a semeadura direta e um mix abrangente de sementes para restabelecer a verdadeira dinâmica do Cerrado", reforça.

César ressalta que a supressão de vegetação em chapadas para monocultivos comprometeu a infiltração promovida pelas raízes profundas, reduzindo a recarga dos aquíferos do DF. Como solução, propôs o planejamento integrado por bacias e a implantação de corredores que conectem Unidades de Conservação e APPs.

» O guardião que resiste

No coração político do DF, a Praça do Buriti guarda uma história fascinante de resistência. Inspirado pela literatura de Afonso Arinos, um exemplar majestoso dessa palmeira símbolo do Cerrado foi plantado em 1969, após uma primeira tentativa sem sucesso, dando nome à praça e ao próprio palácio do governo. Mais do que um marco paisagístico, essa árvore é sinônimo de pura resiliência: sobreviveu a um atentado a machado na década de 1990 e, hoje, amparada por cabos de aço e por um profundo cuidado afetivo da cidade, continua de pé. Ela permanece como um lembrete vivo e inspirador da força da nossa rica biodiversidade, resistindo firmemente bem no centro do poder.

Embora haja queda histórica de 23,8% no desmatamento anual, pesquisadores observam perda de espécies nativas, isolamento de habitats e impacto das mudanças climáticas na recarga de aquíferos



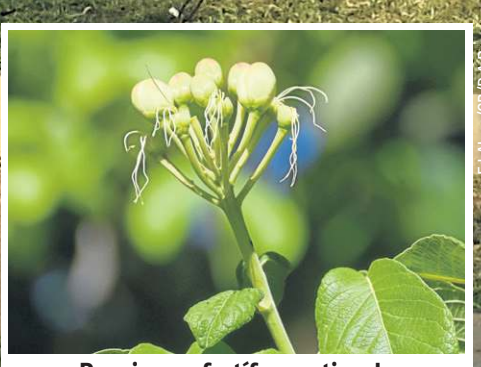
Baru, espécie nativa ameaçada pelas mudanças climáticas e pelo isolamento dos hábitats naturais

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Araticum, planta do Cerrado com baixa taxa de sobrevivência em processos de transplante e recomposição ambiental

Divulgação/Embrapa



Pequi, uma frutífera nativa do bioma que enfrenta forte pressão da expansão urbana e agrícola no DF

Ed Alves/CB/D.A Press

Ed Alves CB/DA Press